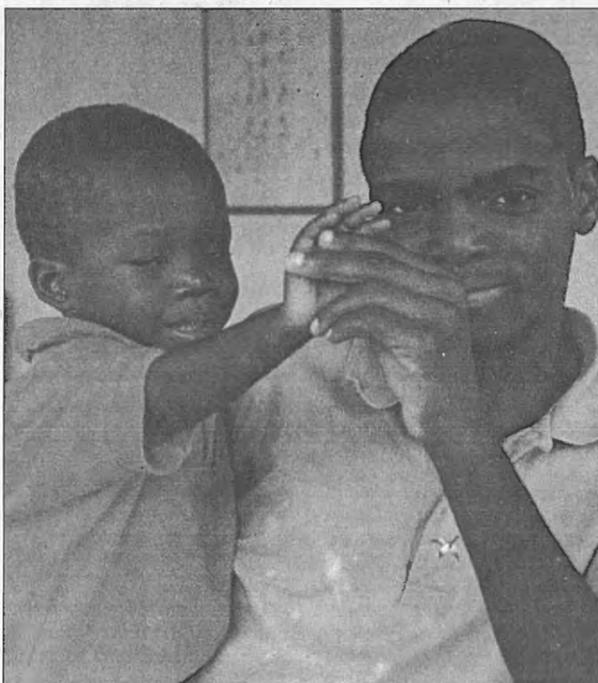


Nota da quinzena

HÁ muitos anos que o Povo de uma paróquia rural, desconhecida do grande mundo, nos dedica os frutos da sua ascese quaresmal. Ele produz produtos das próprias lavras; ele outros bens alimentares, os mais diversos; no princípio, roupas (hoje não, que somos nós a pedir que não); e quantias em dinheiro, muitas migalhas que fazem grande e delicioso pão caseiro. Geralmente é uma pequena camioneta o meio de transporte, mas vem sempre uma comissão fazer a entrega com muita modéstia e enorme devoção. A perseverança ao longo dos anos tem enriquecido o sabor dos dons, tal como o correr deles faz aos vinhos generosos.

Mas esta Quaresma, uma circunstância sublima este sabor. É que a circunstância revela ainda mais claramente a substância da Caridade que determina este gesto tantas vezes repetido, quer para com Deus a Quem o sacrifício é oferecido como rito Pascal, quer em relação ao Próximo a quem o benefício da renúncia é dirigido. E a circunstância foi a dolorosa prova sofrida por este Povo, que poderia tê-lo distraído do seu hábito piedoso ou, até, levá-lo a julgar-se dispensado dele — não fora um Povo com Fé e esta substancial, por isso que os torna subsistentes às adversidades. É uma lição de cristianismo vivido, e também de cidadania, que nós não podíamos guardar só para nós, mas da qual entendemos dever testemunho que alargue o respeito e consideração a que este Povo tem direito. É sempre difícil ao culto do nosso bem-estar, permanecermos abertos aos sofrimentos alheios. Quanto mais conservar esta abertura no meio de tão intensos sofrimentos próprios!



Moçambique — O mais pequenino ao colo de um maior.

Este Povo — é tempo de o dizer — é o da paróquia da Raiva que de uma noite para o dia passou do desconhecimento geral a pólo da atenção de todos os portugueses. Por isso mesmo, porque sabemos da mobilização que as catástrofes costumam produzir, tão empolada no imediato quanto fácil de esquecer algum tempo após a explosão do acontecimento; e cientes da presença discreta, mas de comunhão profunda às suas comunidades, dos respectivos párocos — não disse

Continua na página 3

PARA resolver os problemas íntimos das crianças e jovens em risco não bastam consultas avulsas, é necessário transformar todo o dia num movimento e envolvimento terapêutico.

Nós diríamos com a experiência das largas décadas: é imperioso pôr as crianças e os jovens na vida real, correspondente à sua verdadeira situação sem lhes faltar com nada do que é preciso para o seu desenvolvimento físico, intelectual, afectivo e sobrenatural.

Hoje é Domingo. É portanto dia de relaxe.

Eu que me havia deitado depois da meia-noite, fui acordado pelo bater à porta da casa dois, frente ao meu quarto, do Nuno Oliveira, chefe do Lar, aluno do 11.º ano, a tirar a carta de condução, que neste Domingo era responsável da vacaria, às sete da manhã.

— Então?

— Sou o chefe da vacaria e queria chamar os rapazes do meu grupo, pois temos de tirar o leite e tratar do gado antes da Missa.

O, chefe da casa dois, havia — contra o costume — fechado a porta por dentro. Naturalmente para prevenir abusos.

Lá lhe abri a porta com a minha chave, e ainda me tornei a deitar e dormi o delicioso sono da manhã, enriquecido sempre com maravilhosos sonhos.

SETÚBAL

Teoria e prática

Às oito, levantou-se o grupo dos distribuidores d'O GAIATO que vão à cidade entregá-lo aos seus «fregueses» e voltam às 13.30 h, para dar contas.

Após o pequeno-almoço assistido pelo rapaz de serviço ao café, saem radiantes na carrinha conduzida por um irmão mais velho.

Na celebração da Missa eles tomam parte activa.

Os leitores e os cantores preparam de véspera os textos e as músicas e na oração amparam a assembleia com o coro de cânticos de instrumentos e de leituras.

O pequeno-almoço da rapaziada ao Domingo é de festa. «Quem quer festa sua-lhe a testa.» Então os serventes têm mais trabalho.

Levantar e pôr as mesas, como lavar a loiça são tarefas realizadas logo de seguida.

Há ensaios para as Festas, mas os grupos de futebol têm de ser comandados. O campo e a eira são magníficos recintos para esticar as pernas, os músculos e queimar as energias.

O grupo dos cozinheiros deste fim-de-semana já no serão havia cortado e

temperado a carne. Agora fazem o almoço, preparam a salada, cortam o pão e arranjam a sobremesa.

Ao meio-dia, nasce um bezerrinho e lá estão os vaqueiros mais uma assistência enorme a rever o que já contemplaram muitas vezes, mas que é sempre novo. É uma vida nova na luz do dia.

As bicicletas correm em roda viva, ufanas dos seus ciclistas sob o comando do Daniel que não os deixa abusar. Os largos, as avenidas, a pista e os jardins cobrem-se de muitas cores a pedalar — mais brilhantes que o próprio sol.

A maternidade da vacaria foi etapa obrigatória de toda a gente atraída pelo acontecimento. Batem as bicicletas umas nas outras. Há algazarra. Olhos a brilhar e almas a abrirem-se!

Toca o sino e há banho de água quente nos balneários para aqueles que suaram no desporto.

Ainda observei o nosso pequenino de quatro anos nas bicicletas, assente no varão da frente de pernas para o lado e envolvido carinhosamente pelos

Continua na página 3

ENCONTROS EM LISBOA

Postal de Páscoa

ANDAVA à procura de tema para um postal de Páscoa. Por vezes surgia o tema, mas, logo a seguir, as ideias embrulhavam-se. Faltava um fio condutor. Não havia clareza no mistério que procurava tratar. Todos os temas e ideias pareciam desajustados da vida. Entretanto, o tempo ia correndo. Diziam-me que já há muito não escrevia. A pressão aumentava. Eis que a vida veio em meu socorro, sem ideias nem tema. Aconteceu e senti que o Mistério Pas-

cal passava por ali e eu não estava a entender. Vou contar.

Era véspera do Domingo de Ramos. Entrei no refeitório já atrasado. Toda a comunidade rezava o Terço. Logo que me sento, no meu lugar, vejo o Irikijau (este é um nome já transformado pelo carinho dos colegas) levantar-se e dirigir-se para a minha mesa. Apontou-me, com o dedo, levantando a fralda da camisa, um ponto indeterminado na sua barriguita e diz-me: — *Dói bar-*

Continua na página 3

Festas

Tojal

CHEGOU o tempo das nossas Festas. É sempre um tempo de sonho, de realização de projectos, mas também de preocupação. Nem sempre há tempo disponível. Nem sempre a inspiração é servida por uma musa pródiga; e também nem sempre a paciência está no seu melhor. Há dias em que as coisas são arrancadas a ferro e fogo. Sempre presente está o público que nos irá ver: «Devemos fazer o melhor. As pessoas gostam de nós, são nossas amigas. Temos que também ser amigos delas». Os dias passam e o frenesim aumenta e... aí vamos nós.

Padre Manuel Cristóvão

21 de Abril — Sábado, 21.30 h, Salão da Casa do Gaiato em SANTO ANTÃO DO TOJAL.

29 de Abril — Domingo, 15.30 h, Salão de Festas dos Bombeiros Voluntários de TORRES VEDRAS.

12 de Maio — Sábado, 15.30 h, Cine-Teatro de LOURES.

20 de Maio — Domingo, 15.30 h, Salão Paroquial de FORTE DA CASA.

27 de Maio — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, LISBOA.

3 de Junho — Domingo, 15.30 h, Auditório da Igreja de RIO DE MOURO.

Paço de Sousa

29 de Abril — Domingo, 15.00 h, Salão do Mosteiro de PAÇO DE SOUSA

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

ALCOOLISMO — É uma doença idêntica à droga, cujo poiso já não é a velha tasca, mas outros locais mais afinados, nos quais a cerveja, as bebidas destiladas... ganham a preferência, e o «consumo de vinho tem diminuído significativamente» — sem prejuízo da própria economia do País.

Isto vem a propósito de um doente, entre vários, a quem ajudamos a família que martiriza, mulher, filhos..., e não quer dar-nos ouvidos para evitar a sua fraqueza que prejudica, inclusivé, o acabamento de sua casa...! Deus permita que ele consiga, brevemente, uma consulta da especialidade...

Há perto de um milhão de alcoólicos em Portugal! Mais de vinte por cento da população. Dez por cento dos quais já crónicos. Infelizmente, vamos à frente no consumo de álcool!

VOZ DO PAPA — Em Novo Milénio Ineunte:

«Se verdadeiramente partimos da contemplação de Cristo, devemos saber vê-lo sobretudo no rosto daqueles com quem Ele mesmo Se quis identificar: 'Porque tive fome e destes-Me de comer, tive sede e destes-Me de beber; era peregrino e recolhestes-Me; estava nu e destes-Me de vestir; adoeci e visitastes-Me; estive na prisão e fostes ter Comigo' (Mt 25,35-36).

Esta página não é um mero convite à caridade, mas uma página de cristologia que projecta um feixe de luz sobre o mistério de Cristo. Nesta página, não menos do que o faz com a vertente da ortodoxia, a Igreja mede a sua fidelidade de Esposa de Cristo. É certo que ninguém pode ser excluído do nosso amor, uma vez que, 'pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-Se de certo modo a cada homem'; mas, segundo as palavras inequívocas do Evangelho que acabámos de referir, há na pessoa dos Pobres uma espe-

cial presença de Cristo, obrigando a Igreja a uma opção preferencial por eles. Através desta opção, testemunha-se o estilo do amor de Deus, a sua providência, a sua misericórdia, e de algum modo continua-se a semear na história aqueles germens do Reino de Deus que foram visíveis na vida terrena de Jesus, ao acolher a quantos recorriam a Ele para todas as necessidades espirituais e materiais.»

PARTILHA — Cinco mil, pela mão do filho do assinante 3359, do Porto, «satisfazendo o seu desejo». Três vezes mais, da assinante 14493, também do Porto, «minha pequena contribuição do mês de Março». Idem, da assinante 31254, de Fiães, «oferta desta Quaresma», agradecendo o anonimato. A carta traz, no topo, esta legenda: «Coragem! Ainda que tropeces, não desistas do teu propósito». Curiosamente, é de Shakespeare.

«A partilha de Janeiro/Feve-reiro», da assinante 5963, de Paço de Arcos, «com saudações fraternas e muita amizade» — que retribuimos.

Porto, assinante 11856: «Sempre grata, peço a Deus que vos dê coragem para levarem a bom termo a vossa missão», juntando um cheque.

«Avó dos cinco netinhos» presente com a migalha habitual, lamentando: «Já me custa escrever e quase não posso andar, só amparada — mas não esqueço os vossos Pobres».

Mem Martins: «Uma pequenina ajuda» de Lourdes — três mil.

Vinte mil, da assinante 4656, de Espinho: «Como sempre, relatam um sem número de necessidades. Sendo tantas, esta de que se fala na última edição — um encadernador — que agora vive da magra pensão, mexeu comigo e quero partilhar com ele alguma coisa do que tenho. Que muitos corações se abram e auxiliem tantos que vivem em aflição contínua». Pensamento de G. Dutil, expresso na carta: «A amizade verdadeira sorri na alegria, consola na tristeza... e eterniza-se em Deus».

Covilhã, com cheque da assinante 70940: «Acabei agora de ler O GAIATO, que me deu alegria e um certo

RETALHOS DE VIDA

«Dimas»

Eu sou o Rui Miguel, conhecido aqui por «Dimas». Tenho doze anos e sou natural do Porto.

Estou na Casa do Gaia-to de Paço de Sousa porque faltava à Escola, funava muito, fazia asneiras...!

Frequento o 5.º ano de escolaridade. Gosto desta Escola e vou sempre às aulas.

De manhã faço serviço na vacaria.

Quando for crescido quero ser polícia.



Rui Miguel

impulso para escrever imediatamente. Sei que são muitos os necessitados; mas, desta vez, impressionou-me o artigo 'Novos Pobres' (...) e o resto dele será para o casal de idosos, cujo marido nos lançou um SOS».

Assinante 11159, de Santo Tirso: Remanescente de contas pela mão da «Lili, da Carvalhosa».

Porto: Presença da assinante 11676 que todos os anos emite, aqui, um cheque para os Pobres — com a amizade de sempre.

Outra vez Porto — com donativo da assinante 58051: «E o que sobejar, se julgarem conveniente, será para o encadernador que no último O GAIATO lembra a situação de sua mulher».

João XXIII: «Em acção de graças por uma graça obtida por seu intermédio» — assinante 65657.

Assinante 36078, de Coimbra: «Com muito gosto e amizade, envio uma migalha para as necessidades da vossa Conferência. É pouco, mas do coração».

Guarda: Assinante 32925 presente com vinte mil, «e agradece o anonimato».

Com um «Bom dia! Alegria-te! Vive na alegria!» (S. Paulo), as assinantes 47307 e 49610 partilham, «nesta Páscoa do Senhor, do pouco que temos, uma 'migalhinha' para

o mais premente. E o Senhor vos ajude sempre».

Votos de santa Páscoa!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, d/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VISITANTES — Esteve conosco uma Escola da Lixa. E os alunos do 7.º ano de escolaridade deixaram uma boa oferta para a nossa Obra.

Vieram, também, estudantes de outros estabelecimentos de ensino, de visita à nossa Aldeia, e partilharam também algumas horas com a nossa comunidade.

CONTENTOR — O que vai para Moçambique está quase pronto. Leva muita coisa importante para a vida daquela nossa comunidade.

E já está outro em preparação para Malanje.

UM PEDIDO — O escritório do nosso Jornal, e não só,

tem necessidade de máquinas de escrever de boa qualidade.

Os computadores vieram ocupar uma boa parte dessas máquinas, mas elas fazem muito jeito em muitos trabalhos que temos por cá.

MÚSICA — Recebemos mais um bom aparelho de rádio. Agradecemos a oferta.

Temos um companheiro nosso a aprender música, o Alcides, que tem vontade de tocar piano.

FESTAS — Começaram os ensaios. Como devem saber, as roupas estão já velhas. Por isso, os nossos Amigos que tenham roupas de teatro e outros objectos que considerem inúteis, ficaríamos gratos se no-los oferecessem.

José Miguel («Melão»)

DESPORTO — Desta vez, a nossa equipa de iniciados, mesmo debaixo de chuva, foi até Valença do Minho. Saímos por volta das 9 h de Paço de Sousa em direcção ao Lar do Porto, para que a comitiva ficasse completa. Uma boa parte destes atletas são estudantes. Pena é que não sejam todos, e bom seria que encarassem o estudo a sério, e mesmo com eles não é fácil uma boa colocação. Estas andanças de «futebóis» sabem bem, mas que eles nunca esqueçam que o estudo está e tem que estar sempre na primeira linha.

Voltando à nossa ida a Valença: Depois de tudo em ordem saímos do Lar do Porto por volta das 10 h e logo nos dirigimos à IC1 que nos levou até Viana do Castelo. Razão tinha o «co-piloto» — o Quim Carpinteiro. Eu dizia que estava para Valença, mas enganai-me. Agora com a estrada um pouco menos boa, a primeira paragem foi no «Kallunga», do Américo, em Gondarém, local que dispensa comentários de tão bonito que é. Mas bonito, bonito, foi a maneira como fomos recebidos. A preocupação de arranjar sítio para nos instalarmos para o almoço, que levámos de Casa. Eram os nossos rapazes sob as ordens do antigo chefe-maioral da Casa do Gaio de Paço de Sousa, um dos melhores directores artísticos das nossas Festas e um bom pontade-lança — o Américo. Os rapazes e ele procuravam cadeiras, mesas e toalhas para que nada faltasse e tudo corresse da melhor maneira. E correu! Agora, tudo sentado, tudo a dar ao dente, não havia tempo a perder. A hora era de luta... com o frango e o arroz de forno. Como se não fosse o suficiente ter-nos posto tudo à disposição, quando estávamos a acabar de almoçar aparece o Américo mais um filho com tabuleiros cheios de pratos com creme para a sobremesa. A Olímpia não perdeu tempo. Sem se esquecer dos clientes do seu Restaurante também não fez vista grossa à nossa presença.

Tudo arrumado, fomos (quem quis), ao bar tomar um café e dar um «xi-coração» à Olímpia. Despedimo-nos e seguimos viagem até ao estádio

do Valenciano. Estávamos a dois passos da fronteira com a vizinha Espanha. No estádio fugiu-nos os olhos para aquela relva, bem tratada, que os nossos atletas calcaram durante 90 minutos.

Tínhamos já alguns directores à nossa espera e fomos em direcção aos balneários para nos equiparmos e fazermos o respectivo aquecimento. O desafio começou às 15 h. Dava gosto ver os vinte e dois jogadores a trocarem a bola. Não foi fácil, mas conseguimos mais uma vitória! Os nossos rapazes são atletas que não funcionam só com o coração, também sabem trabalhar com os pés e com a cabeça... Não a perdem com facilidade.

No final, o nosso adversário ofereceu uma merenda. Não foi nada má!

Estávamos na camioneta quando se houve a voz do Carlos Pote: — *Vamos até Espanha!* E lá fomos. Atravessámos a fronteira e demos uma volta por ali perto. Foi só para... português ver. Chegámos a casa por volta das 21 h.

Alberto («Resende»)

SETÚBAL

ROSMANINHO — O senhor Rosmaninho tem-nos ajudado muito a cuidar do gado. Ele tem muita experiência e muito jeito. Podemos afirmar que ele percebe a sério de tudo o que se relaciona com o gado bovino. E não só de gado, também percebe de rapazes. Sabe cativá-los sem cedências. Sabe compreendê-los com muita paciência e sabe ensiná-los com exemplos simples da vida.

O Miguelito, que é o nosso vaqueiro, tem aprendido muito com o senhor Rosmaninho. Dá injeções às vacas, conhece a inclinação a dar às crias quando estão com dificuldades de nascer. Sabe atar e conduzir bem as patinhas da frente dos vitelinhos no próprio parto, e também cuidar das feridas das vitelinhãs e das vacas, que às vezes fazem quando escorregam ou marram umas nas outras, etc.

Tem sido também o senhor Rosmaninho que tem ensinado a pôr na ração das vacas os elementos necessários para ser equilibrada: tantos quilos de forragem verde ou ensilada, tantos de palha, tantos de luzerna, etc.

Ele é um professor que ensina por prazer, por amor e sem qualquer fim lucrativo.

Tem sido um dom de Deus no meio dos rapazes e do nosso gado.

SAÍDAS — As saídas da nossa Casa são sempre e naturalmente motivo de tristeza. O ideal das Casas do Gaio é que os rapazes saiam desta família para constituírem a sua. Já com o seu ninho feito, isto é com casa comprada e a rapariga escolhida. Que saiam da sua Casa, casados.



Paço de Sousa — Um grupo de limpeza aos arruamentos da nossa Aldeia.



Continuação da página 1

braços do ciclista. Vi-o ainda às cavalitas de outros com as perninhas contornando o pescoço do «cavaleiro» que lhe segurava meigamente as mãos. E ainda sentado no suporte trazeiro de outros ciclistas. Toda a gente se consola com o Bruno Moisés e ele reconforta-se com todos! Nunca o menino teve tão largo e tão abundante afecto.

Hoje há futebol em Setúbal e a malta quer ir ver o Vitória. Saem duas carrinhas conduzidas por mais velhos, apinhadas de gente ávida que o seu clube ganhe para passar à primeira Liga.

A meio da tarde foi servida a merenda para quem quis: bolachas e iogurtes. Às 19.30 h, fazemos a Via-Sacra.

Setúbal

Todos contemplamos o Homem Perfeito nas cenas mais difíceis e humanamente mais desequilibrantes, observando a excelência primorosa dos seus sentimentos em confronto com a debilidade pusilânime dos nossos.

A Via-Sacra é sempre um enriquecimento de valores humanos.

O jantar preparado, servido e partilhado por todos é uma explosão de vida familiar, de alegria e descontração.

Alguns ainda foram carregar uma mobília para a casa de uns Pobres, a seguir ao futebol.

Substituiu-se o chefe da casa quatro pois o cessante foi para a tropa nessa noite e a casa não pode ficar à deriva.

Arrumam-se as mesas, lava-se a loiça e prepara-se o refeitório para o pequeno-almoço do dia seguinte. Os rapazes recolhem-se às suas casas. Vão brincar, jogar, ver televisão no à-vontade pleno de quem está em sua casa.

Aqui vai com toda a simplicidade e verdade o movimento e envolvimento terapêutico que as crianças, os adolescentes e os jovens beneficiam e realizam numa Casa do Gaiato num dia de folga. Em dias semanais tudo é mais intenso. Até os recreios que são mais curtos.

Padre Acílio

ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

riga. Peguei nele para o meu colo, aconcheguei-o, uma carícia e ali ficou durante todo o resto da oração.

No fim, perguntado se queria ir para o seu lugar, foi pronto a responder que queria comer na minha mesa. Arranjou-se lugar. Comeu normalmente até mais de meio da refeição. Quando viu que eu já tinha terminado, deu também por terminada a sua. Nem fruta, nem doce o demoveram e a dor mudou de sítio. Agora era uma perna. Não sabia bem o local, mas, pelos

trejeitos da cara, era uma dor muito profunda. Insisti na fruta e eis a resposta: — *Quero colo.* Teve o que desejava, acompanhado de mais alguns mimos. Feliz no seu trono, desapareceram todas as dores. Acenou a toda a gente e terminou a refeição correndo para a sua casa, esquecido das dores que, nesse dia, tanto atormentaram o seu pequeno corpo.

Tentei perceber, nessa noite, o Mistério Pascal. Passagem da dor à alegria pelo gesto do amor. Isto não são ideias. É a vida. Por isso temos tantas dificuldades

em perceber as coisas quando partimos dos temas e das ideias...

O Irikijau, que eu saiba, com os seus cinco anos de vida, já foi «despejado» pelo menos três vezes. Como é que ele não há-de sentir tanta dor no seu corpiço. Não teve colo e, se o teve alguma vez, nem chegou a sentir o seu calor. Precisamos agora de muito tempo e de muitos momentos para que este corpo volte a sentir-se são. A criança percebe isto e quem há muito vive com crianças também o sabe. Não é preciso ter muitas ideias nem

longos arrazoados de teorias. Basta viver e ter coração para perceber quanto é injusto estar continuamente a «despejar» uma criança de um lado para o outro com a douta sabedoria da criação de um projecto de vida...

A nova legislação sobre crianças e jovens em risco, no meio de muita coisa boa, tem coisas que só podiam ter passado pela cabeça de quem nunca teve filhos ou nunca os criou. Com efeito, de seis em seis meses deve ser reavaliada a situação e ver se é preciso um novo projecto de vida. Assim, de seis em seis meses, à criança e ao jovem são abertas as feridas que durante esse tempo procurámos curar, são levantados sonhos irrealizáveis. Estas crianças e jovens

Nota da quinzena

Continuação da página 1

logo da nossa disponibilidade para algo que lhes fosse útil e estivesse em nossas mãos. Afinal, veio de lá, antes da nossa, esta expressão magnífica da sua caridade fraterna, sobrevalorizada pelo momento em que ocorre.

Antevendo para um futuro próximo, no espaço da Igreja Local, outra ocorrência que mais nos irá irmanar, desde já faço o voto (e espero cumpri-lo) de ir lá agradecer àquele Povo o exemplo da sua Fortaleza cristã, que entrego já, aqui, como dom Pascal, à multidão dos nossos Leitores que, de norte a sul, tiveram a recente oportunidade de conhecer Raiva por via de um evento infeliz e ficam agora a saber que o nome da terra se transfigura no coração dos seus habitantes no seu antónimo: amor fraterno — que ameniza as suas próprias dores e gera Paz.

Padre Carlos

são assim despididamente postas em sobressalto no colo que já pensavam ser o seu. Tenho uma dor íntima quando me dirijo para essas sessões. Até que ponto estas revisões de projectos pequenos, temporários, não anulam aquilo que as Casas do Gaiato se deram sempre como grande projecto: «Fazer de cada rapaz um homem»? Será que as famí-

lias portuguesas, todos os seis meses, levam os filhos ao psicólogo, assistente social, juiz, etc., para reverem os seus projectos de crescimento? Estas crianças e jovens não terão direito ao seu colo, à sua estabilidade, à sua intimidade, ao seu crescimento dentro de uma normalidade possível?

Padre Manuel Cristóvão

O primeiro a sair foi o Aze-lha. Fazia disto um colégio. Não uma família. Enquanto foi pequeno a nossa Casa foi a sua família. Agora que já é grande e sabe alguma coisa não ligava nada a nada. Tratava tudo como se nada fosse dele. Não adoptava como sua esta grande família que é a Casa do Gaiato. A pouco e pouco foi-se pondo fora.

O Guerreiro não quis dar contas. Trabalhava fora. Quanto ganhava, quanto metia ao bolso e gastava como entendia.

Não pode ser. A Casa não queria nada dele, só lhe exigia que prestasse contas para evitar que gastasse o dinheiro mal gasto.

Preferiu antes sair que prestar contas. É maior. É livre. Mas não é justo nem bonito o que fez. Será assim que se cresce? Não será antes aceitar as boas regras para economizar e ter amanhã uma situação económica mais desafogada?... Além disso é um mau exemplo para os mais novos. Uma família faz-se com a união de todos e não em revoltas contra a autoridade que a natureza estabeleceu. Dar contas da sua economia não altera nada a independência que a pouco e pouco se vai conquistando. Independência não é ruptura. A história diz-nos que toda a ruptura é prejudicial para ambas as partes que se rompem.

RAMOS — É tradicional a procissão dos ramos em nossa Casa. É a única vez que a comunidade orante sai da Capela organizada em oração, para fora.

Após a bênção dos ramos e uma leitura do Evangelho com algumas explicações do que representa o que vai acontecer, a multidão começa a sair ordenadamente guiada por um grande crucifixo levado por um rapaz.

O coro de rapazes com violas aguenta o canto durante o percurso e o sacerdote vai declamando antífonas esclarecedoras, lebrando os acontecimentos de Jerusalém.

Ricardinho cantou o salmo de forma muito eloquente e, depois, já na Capela, três leitores — o David, o Daniel e o Hélder Imaginário — leram a Paixão do Senhor!

Foi uma celebração muito bonita que a todos encheu a alma.

CORTA-FORRAGENS — Como a chuva matou muita da nossa aveia, vimo-nos com necessidade de aproveitar bem a que resta.

Tinha mais de vinte e cinco anos o corta-forragens velho que os serralheiros foram remendando e arranjando. Agora já deitava alguma erva fora. Ou melhor, deixava-a caída na terra.

O nosso Padre Acílio comprou um novo. É uma beleza! Apanha tudo. Tem mais facas, mais força e comanda-se do tractor. O tractorista faz tudo. Já não é preciso andar um rapaz em cima dele a guiar a torre, pois os comandos do velho tinham desaparecido.

TROPAS — Mais dois rapazes foram para a tropa. Qualquer dia só esta Casa faz um batalhão, tantos são os rapazes que andam na tropa.

O Braz que tem sido chefe da casa quatro e é serralheiro, mais o Luís Filipe alcunhado de «Calicas» são os dois mancoes que se apresentaram em Leiria. «Calicas» trabalhava numa oficina de automóveis e deixa lá saudades.

Não sei se o Exército português é digno destes maravilhosos rapazes! Que dêem boa conta de si! É bom para eles, para nossa Obra, para o

País e para a Comunidade Europeia.

Repórter zero

MALANJE

A MINHA GRATIDÃO — Deus abriu a minha mente com palavras lindas. Agradeço a Sua generosidade.

As Casas do Gaiato acolhem, dão carinho, educam os rapazes da rua. Nunca se poderia esquecer pelo bem que me fizeram! São a Obra da Rua deixada por Pai Américo, nascida em seu coração.

Aos Padres da Rua agradeço, também, a sua colaboração, vontade, coragem — e o vosso cansaço que entregais nas mãos de Deus.

As minhas mãos estendidas num gesto de gratidão ao Padre Cristóvão que me foi buscar ao aeroporto. E, também, ao Padre Acílio que m'acolheu na Casa do Gaiato de Setúbal com muito carinho.

Caríssimo Padre Telmo: Falando de mim, eu tenho pouco tempo — diz-me o Doutor. A minha doença é grave! Já fizestes muito sacrifício por mim. Tu és pai. E não me falta o carinho, o amor de todos os rapazes da nossa Casa do Gaiato de Malanje. Muito obrigado.

José da Cruz Domingos

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Estamos na Páscoa, tempo de reflexão, de pararmos um

pouco e pensar no que temos feito durante todo este tempo pelos que estão à nossa volta! Será que temos sido bons cristãos, dar a mão sem olhar a quem, porque nesta sociedade materialista a parte humana e moral é pouco comum e nós temos constatado isso, o que nos deixa bastante tristes.

A seguir, vamos transcrever uma nota do livro *O Barredo* de Pai Américo que nos dá a seguinte mensagem escrita por um tripeiro:

«O Barredo pertence a todos nós que o consentimos, que o toleramos, que o permitimos...»

«“Quem tiver olhos que veja e quem tiver ouvidos que oiça”, está nas Escrituras Sagradas; mas o mundo com M grande continua surdo e cego à única doutrina que o poderia salvar; espera remédio donde ele nunca poderá vir: dos homens.

Vai entretanto V. prosseguindo na sua Obra cheia de espinhos, sem desfalecimento nem paragem. E com ela vai deixando à sua volta uma hoasemente, que se não há-de nunca perder — e há-de dar os frutos mais belos que olhos humanos podem contemplar, que são os produzidos pela caridade — tal como V. difunde pelos mais humildes, pelos mais desgraçados e mais desprotegidos da sorte.

Tenho lido — e comigo os de minha família — o seu *Barredo* que é pintura fiel mas resumida do nosso Barredo. Deixe-me chamar-lhe bem pelo seu nome: o nosso Barredo — que ele é bem nosso, inteirinho, com toda a sua terrível fisionomia. Pertence-nos, pertence a todos nós que o consentimos, que o toleramos, que o permitimos, fechando os olhos para o não vermos na sua verdadeira hediondez, fingindo

ignorá-lo, uns por comodidade, outros por cautela...

Pobres sempre os houve — disse Jesus Cristo. Mas isto, não é Pobreza, é muito mais que isso, é a desgraça mais pungente e mais horrível, ao nosso lado, enquanto os nossos filhos vivem bem agasalhados do frio e da chuva, sob os tetos das nossas casas.

Que venham ver todos esses Filósofos e esses Pensadores da Igualdade e da Fraternidade humana, no que deram as suas doutrinas; ou, por outra, que remédio trouxeram à Miséria, através de tanto progresso, de tanta luz, tanta ciência, tanta igualdade.

Ah o Pobre, o malfadado orgulho humano que não quer ver que a *vaidade* nunca enganou uma lágrima, enquanto toda a dor cabe à vontade e pode desafogar-se num simples Pai Nosso!»

Esta mensagem deixa-nos muitos recados, caberá a cada um de nós reflectir no conteúdo da mesma.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Amiga, da Amadora, um cheque e as rápidas melhores. Amiga, de Fiães, com mensagem: «O sorriso é para a humanidade aquilo que o sol é para as flores»; e um donativo para que os Pobres possam ter uma Páscoa um pouco mais alegre. Assinante 42236 com um cheque, que agradecemos. Maria Valladares, 2.000\$00. M. M. 20.000\$00. J. R. D., 2.000\$00. Anónimo, de Lourosa, cheque de 25.000\$00. Assinante 29935, carta cheia de entusiasmo e um cheque de 5.000\$00.

A todos os nossos amigos leitores, santa Páscoa.

Conferência de S. Francisco

de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

TOJAL

PÁSCOA — É uma passagem muito importante na vida cristã. Uma passagem que nos dá a entender que ainda há Salvação entre os homens. Foi nesta altura da Páscoa que Jesus foi crucificado para dar a Salvação aos pecadores.

VISITAS — Tivemos conosco um grupo de estudantes universitários. Foi uma alegria estarmos com eles no nosso refeitório. Depois do jantar, ofereceram uma actuação, que foi muito linda. Por fim, deram-nos a oportunidade de irmos ver um espectáculo que irão realizar, oferecendo-nos os respectivos bilhetes.

FUTEBOL — Temos feito muitos jogos e, na verdade, temos sido sempre vencedores. O que quer dizer que precisamos de equipas mais fortes para nos desafiar.

SEGUNDO TRIMESTRE — Os dias passam tão rápidos que nós nem damos por eles!

O segundo trimestre chegou ao fim, muitos de nós tivemos bom aproveitamento, outros nem por isso. Pois é, mas quando chega a hora da verdade é quando nos preocupamos; e, aí, é onde precisamente o nosso tempo acaba.

Isso para dizer que muitos dos nossos rapazes andaram todo o período com os livros atrás das costas sem terem aproveitamento!

Abílio Pequeno

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Autoconstrução

EM dia cheio com visitas aos Pobres, começámos pela manhã por ir ao encontro de um pedido de uma Conferência Vicentina.

Próximos do local, onde a primeira família a visitar vai construindo sua casa, encontramos o pai da esposa do casal, que foi quem cedeu o terreno. Ele mesmo nos guiou e nos deu os pormenores. A família tem tido vários problemas na geração dos

seus filhos, o que vai provocando transtornos vários.

Construir a casa, além de uma necessidade, é também um modo de afirmarem a sua aposta na vida. De dia, o marido vai assegurando pelo seu trabalho, o sustento familiar; à noite, por vezes pela madrugada dentro, e com a ajuda de companheiros de trabalho, faz avançar as obras no ritmo possível, procurando que fiquem acabadas no ano que decorre.

Está ainda a casa em toco e sem cobertura. Para esta, será a ajuda que deixamos prometida.

Um pouco adiante, entramos na nova casa de outro casal, que nos foi mostrada pela jovem esposa com seu filho de tenra idade ao colo.

Como muitos fazem, também eles viveram os primeiros tempos do matrimónio abrigados na cave da casa. Depois, foram construindo o rés-do-chão, agora quase acabado, que passarão a habitar logo que tenham o mobiliário ainda inexistente.

Foi de familiares que obtiveram o financiamento necessário para as obras, pois só o salário do jovem marido é a fonte da receita

familiar. A ajuda que lhes vamos dar, será o nosso sinal de incentivo e apoio, pois sabemos como é difícil hoje constituir família em bases sólidas e com dinamismo para crescer no futuro.

Dois membros de outra Conferência de S. Vicente de Paulo foram nossos guias na visita a famílias Pobres suas protegidas. Vimos a doença e o alcoolismo de mãos dadas num cenário de muita miséria habitacional; e novas gerações marcadas desde a nascença por um futuro descolorido e sem esperança. Tantos são os casos! Tantas as necessidades a pedir que os cordões das bolsas pública e privadas se abram e acorram aos Pobres incapazes de se erguerem.

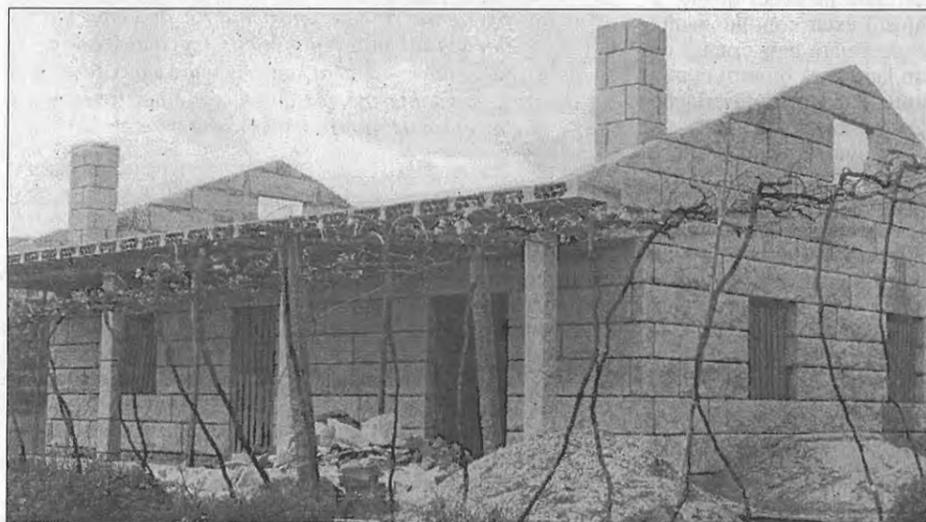
A última família visitada, vinda do leste europeu, fez-nos recuar no tempo e perceber um pouco os trabalhos por que passaram compatriotas nossos, quando deixaram sua terra e se aventuraram em países do centro da mesma Europa. Estes, como esses, trazem um objectivo único em sua mente: trabalhar, enquanto seu coração vai chorando a saudade dos filhos deixados na terra de origem. A necessidade obriga a tamanhos sacrifícios, confirmados

pelas palavras da vicentina-mãe que nos guia: «Eu não era capaz de deixar os meus filhos!...».

Nesta nossa terra, que escolheram para dela tirar o pão, têm encontrado quem os explore mas também quem os acolha. Partilha-

mos da sua alegria e daquela que os acolheu e lhes cedeu duas pequenas dependências, e, principalmente, a amizade e o ambiente familiar tão necessário a quem vive em terra estrangeira.

Padre Júlio



BENGUELA

Experiência dura

CHOVEU, por pouco tempo, mas com muita intensidade. A fragilidade da habitação da maioria das pessoas foi posta à prova, mais uma vez. Muitas casas ruíram. Assim, nestes dias, foi um vaivém constante de gente a pedir cobertura nova para outras tantas casas feitas de adobe. Para o ano voltam a cair. Quem dera fossem construídas casas com material definitivo! Mas como, se o custo do tijolo e do fibrocimento é absolutamente incomportável para a maioria do povo que não tem dinheiro para se alimentar? Primeiro, a cobertura feita de capim; uma forma simples e barata de resolver o problema. A chuva pesada caiu e levou tudo. Andei pelos bairros a ver e a levar a palavra de salvação imediata. A nossa carrinha levou duas crianças ao hospital, por terem ficado debaixo dos paus do tecto que ruiu. Estão salvas. São trabalhos que fazem parte da nossa missão. Tudo o que fazemos é uma gotinha d'água no oceano das necessidades básicas da população anónima. Nunca damos tudo a quem nos pede. Uma parte fica por sua conta. É o lugar da solidariedade. Os amigos, os vizinhos e os familiares têm o seu quinhão na obra. Somos testemunhas de muitas maravilhas.

O povo é muito rico de valores humanos. Pena é que a guerra vá deixando as marcas da destruição desta riqueza. A solidariedade foi atingida gravemente. A desconfiança tomou o lugar da porta aberta. Queremos ajudar a curar estas feridas. A elevação dum povo mede-se pelo grau de solidariedade entre os seus membros. Importa, a todo o custo, que deixe de haver párias na sociedade, pois todos têm o direito a participar das riquezas da sua terra. É o clamor da justiça.

Enquanto escrevo estas notas vejo, lá em baixo, gente com crianças ao colo, à minha espera. São pessoas que vêm do interior em busca de mais segurança, à procura de algum familiar que não encontram. Vivem, entretanto, das migalhas que vão caindo em suas mãos. Ai de nós se não sofremos também a sorte destes irmãos! Quem poderá ficar insensível, perto ou longe? Apetece-me dizer que são carne da nossa carne, porque são portadores da mesma humanidade. Não importa a distância.

Estou a escrever no primeiro dia da Semana Santa. Semana da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor Jesus. Quero participar ao vivo na paixão e morte destes nossos irmãos. Quero ajudá-los no caminho da ressurreição. As pedras e os pedregulhos que impedem a saída do sepulcro em que se encontram são muitas e são pesadas. São precisas mãos de muitos. A Escola cheia de crianças é anúncio de ressurreição. Quem dera não experimentem, ao longo das suas vidas, a sorte dos seus pais, mas encontrem uma era de paz. São, contudo, multidão as que vivem ainda sepultadas nas ruas. Tenho esperança de que verão o seu dia. Também é esperança e sinal de ressurreição ver as mães na escola. Estão a caminhar. Homens e mulheres não se conformam com a vida que têm. É preciso dar-lhes a mão para continuarem de pé. Estamos atentos. Há muitos motivos para andarmos de cabeça erguida com uma das mãos no Ressuscitado e a outra nas mãos de quem nos acompanha.

Onde abundam os corações dispostos a dar a vida, com ideias novas, mas firmados na mesma verdade de sempre? É preciso que o grão de trigo morra para que haja vida. Esta é a verdade eterna. A seara está pronta. Faltam os ceifeiros. Há tempos, dava nota, aqui, da vinda para Angola de jovens médicos, integrados numa ONG. Voltei a vê-los, há dias, depois de passarem um mês no interior de Angola. Foi uma experiência dura, por certo, mas ficaram mais maduros e prontos para amar mais. Mais sábios. A experiência foi o grande livro que não encontraram igual na Universidade. Quem dera o alfobre não vá abaixo. São necessários espíritos inquietos e arrojados. Esta linguagem interessa aos jovens.

Obrigado! Que a festa da Páscoa seja bem para todos!

Padre Manuel António.

Refugiados

NAQUELE sábado veio um grupo de refugiados pedir comida. Ao «não temos» responderam com o silêncio, sentando-se ao longo da casa-mãe.

Impressiona e faz estremecer este silêncio profundo e tamanha capacidade de esperar... Eles sabem que irão receber, somente, dois quilos de milho!

Sei que à noite os torrarão numas latas. Será a ceia... Grão a grão mastigados com prazer.

Que fariam os europeus se confrontados na realidade com tal ceia?

O que sobra! O que se estraga!

Impossível recolhê-lo, transportá-lo e fazer chegar à boca dos famintos...!

Possível, porém, uma mudança de

Malanje

mentalidade: Pensar no outro; não estragar; dar o supérfluo.

Fico adivinhando as muitas respostas:

«Angola é um país riquíssimo.»

«Angola dá tudo se cultivarem.»

«Há riquezas imensas nas mãos dos grandes.»

Certo. Só que estes Pobres de Javé são destroços abandonados no rio caudaloso e turvo.

Contraste vivo

NÃO se trata de um pequeno grupo de fugidos à guerra, sim, de

milhares que construíram suas pequenas habitações de adobes e capim, na encosta defronte à nossa Aldeia. Vieram de zonas de guerra a 100, 200, 300, 400 quilómetros.

Chegaram num estado deplorável e desnutridos. As organizações e a Igreja acudiram com milho, sal e óleo alimentar.

Logo, começaram a fazer suas lavras. Cada grupo construiu a sua capela de paus e capim. Nela se reúnem todas as manhãs para a oração. Contraste vivo com aqueles que tendo tudo, prescindem de Deus.

Longe, mas em nossa província, continua a guerra e com ela a corrida aos diamantes pela ambição da riqueza.

Padre Telmo

TRIBUNA DE COIMBRA

Um encontro

UM grupo numeroso de Amigos, gente de Castelo Branco, Alcains e Escalos, passaram um destes Domingos da Quaresma connosco. Nem o dia chuvoso nem os perigos da estrada os desmotivaram. Participaram na nossa Eucaristia dominical e a seguir prepararam o almoço para o qual tudo trouxeram. Parecia um banquete! Um convívio muito belo que se prolongou pela tarde fora e terminou com a merenda. Um encontro muito apreciado pelos rapazes e por nós próprios. Sentimos também que esta

gente leva consigo uma grande consolação que é a de poder adoptar por algumas horas estes filhos e acarinhá-los com enlevo. É um dar e um receber. Um modo muito simples e prático de fazer o bem. Então, os mais pequeninos não põem o pé

no chão; andam de colo para colo. Também os mais crescidos são envolvidos por essa onda de carinho e atenção: — *Ó senhor Padre que lindos rapazes aqui tem!*... Mas eu digo: — É o modo como os olhas que te encantam também... E assim é de verdade. No final do dia demos graças ao Senhor por este encontro de Amigos. Foi assim que o Rogério, o chefe do Lar de Coimbra se exprimiu: — (...) *Graças por este dia de trabalhos, de alegrias, de amizade, de*

gente que gosta muito de nós e nos visita... Ajuda-nos a ser melhores no dia de amanhã...

Gosto muito da nossa oração da noite! Há sempre algo de original no que se pede e agradece. E eu fico a pedir e a agradecer também. Medito como o mundo seria melhor se todos fôssemos menos teóricos, mais simples, menos egoístas, invejosos e ciumentos... Talvez nos tornássemos menos «neuras» e complicados. Possivelmente faríamos da nossa noite um repouso sem comprimidos nem pesadelos. Colocaríamos o nosso coração no travesseiro do optimismo. Como é bom sentir tanta amizade por nós! Como não haveremos de sofrer, se outro tanto não for correspondido! Pois amor com amor se paga! Bem hajam!

Padre João

PENSAMENTO

Vale bem a pena, a um de nós, sofrer no corpo e na alma para merecer a consolação divina de livrar de penas imerecidas um Inocente!

PAI AMÉRICO